

A viagem na literatura brasileira: deslocamentos literários e culturais

BATISTA, Eduardo Luis Araújo de Oliveira. Unicamp

A viagem tem estado sempre presente na literatura brasileira, seja como gênero, através da literatura de viagem, que iniciou nossa história literária, seja como temática, apresentando-se em diversas obras poéticas e em prosa, ou mesmo como elemento de atualização e renovação literária, através das viagens que os escritores brasileiros fizeram ao exterior, se atualizando, e das viagens que estrangeiros fizeram ao Brasil, trazendo inovações. Para dar conta de um país jovem, de dimensões continentais e grande diversidade cultural como o Brasil, o tema da viagem se tornou essencial no esforço de sua caracterização e descrição. Neste trabalho, apontamos duas situações em que a viagem está presente em nossa literatura: a influência da literatura de viagem no desenvolvimento de uma tendência descritiva na literatura brasileira; e a viagem de escritores, brasileiros e estrangeiros, como elemento renovador nas letras brasileiras.

A literatura de viagem pode ser vista como o gênero fundador de nossa literatura, uma vez que o primeiro texto escrito no território brasileiro foi a famosa Carta de Caminha, relato do “achamento” de nossas terras pelos navegantes portugueses em 1500. Os relatos dos viajantes e oficiais portugueses, assim como dos missionários jesuítas, reuniram-se ao longo do tempo aos relatos produzidos pelos representantes de outras nações que visitaram nossas terras, como os franceses, criando e divulgando imagens do nosso território para a Europa. Por cerca de três séculos, os relatos dos viajantes se tornaram a principal fonte de conhecimentos sobre o território brasileiro, uma vez que durante esse período foi proibida a imprensa e o estabelecimento de instituições de ensino superior na colônia, deixando aos viajantes a descrição e divulgação do conhecimento sobre o país. Esse descritivismo presente nos relatos dos viajantes, empenhados em descrever as novas terras e suas maravilhas ao público europeu será aos poucos incorporado pela poesia e pela épica produzidos aqui no período colonial, através da literatura de apelo nativista que busca descrever as peculiaridades e delícias da América por seus próprios filhos.

Como nos mostra Sérgio Buarque de Holanda em *Visão do paraíso. Os motivos edênicos no descobrimento do Brasil*, as imagens suscitadas pelo descobrimento do Brasil, divulgadas pelos viajantes, tenderam a uma idealização da natureza e do estado selvagem dos índios, construindo um imaginário paradisíaco que em muitos aspectos perdura até hoje, relacionando a exuberância tropical ao paraíso terrestre. Do nosso ponto de vista, esse tom

idealizador teria se transmitido à literatura nativista que surgiu no início do século XVIII, tendo se transformado numa tradição descritiva que se desenvolverá através de nossa história literária, tornando-se critério estético com o advento do romantismo e do nacionalismo. Como ainda Holanda afirma, em *Capítulos de história colonial*, “[...] com a ‘silva’ onde são relacionadas as maravilhas agrestes de sua decantada ilha da Maré, Botelho de Oliveira tinha inaugurado no Brasil a fórmula descritiva, tão explorada mais tarde por nossos poetas épicos [...]” (HOLANDA, 1991, p.54). A fórmula descritiva que Botelho de Oliveira inaugura em 1705, será logo seguida por Frei Manuel de Santa Maria Itaparica, que na parte dedicada à descrição da ilha de Itaparica, em seus *Eustáquidos*, retoma o mesmo empenho em louvar a terra natal. É o mesmo tom encomiástico que encontramos nas descrições dos cronistas e viajantes durante toda a história colonial, como lembra Sílvio Romero, “assim, pois, por uma passagem dos velhos cronistas de *quinhetos* em desfavor da terra, citam-se vinte em prol dela (...)” (ROMERO, 2001, p.67). Na era de *seiscentos*, as visões do paraíso se perpetuam em um autor como o dos *Diálogos das Grandezas do Brasil* e um Frei Vicente do Salvador, que não cansam de bendizer da terra, no que são continuados em princípios de *setecentos* por Pita e Andreoni. No final dos setecentos, os épicos *Uruguay* (1769), de Basílio da Gama, e *O Caramuru* (1781), de Santa Rita Durão, incorporam à descrição da natureza a presença do indígena, já presente em narrativas de estrangeiros como as de Jéan de Léry e Hans Staden (ambos ainda no século XVI). Já no século XIX, com a vinda da coroa, e a conseqüente abertura dos portos, o Brasil vai ser inundado por um enorme contingente de viajantes estrangeiros de todos os tipos: comerciantes, oficiais, missionários, naturalistas, preceptores e artistas que vão produzir a maior parte do conhecimento sobre a nação durante o século XIX. Essa literatura de viagem, junto à produzida no período colonial e que só agora começa a ser publicada, vai ser fundamental como fonte de informações na caracterização da nova nação que surge com a independência política de Portugal. No desenvolvimento da literatura romântica nacionalista, os escritores brasileiros se alimentaram da visão sobre o país apresentada nos relatos dos viajantes estrangeiros. Além da ausência de outras fontes, a origem européia dos mesmos avalizava-os frente ao intelectual brasileiro, que buscava se refletir no espelho europeu. O que parece contraditório é a perspectiva de um estrangeiro apontar para o brasileiro como é seu próprio país, e como ele deve ser descrito. Essa contradição é apontada por Flora Süssekind em *O Brasil não é longe daqui*, onde a autora aponta a influência dos relatos de viagem na formação do narrador do nascente romance brasileiro nas décadas de 1830-40. Segundo a autora, a ficção romântica, que é a origem do romance brasileiro, vai apoiar sua descrição do país nos relatos dos viajantes, criando um narrador que incorpora o ponto de vista do estrangeiro, adquirindo um “olhar de fora” que

gera uma sensação de “não estar de todo”. O olhar do brasileiro para seu próprio país, sua própria natureza, torna-se dessa forma um olhar de viés, que passa pelo filtro europeu. Como diz Sússekind,

se é problemática essa fundação de uma imagem original, singular, de Brasil, é igualmente difícil olhar para a paisagem brasileira real, que está lá de fato, quando o ponto de vista adotado para fitá-la é pré-dado, quando o modo de vê-la se acha previamente determinado por toda uma série de crônicas, relatos, notícias, romances (SÚSSEKIND, 1990, p.32).

A tendência descritiva, que abandona o nativismo e assume sua face nacionalista no romantismo, vai tomar conta da poesia e do romance durante todo o século XIX, adquirindo diversas formas como a literatura regionalista, o indianismo, a narrativa histórica e o romance de costumes, gêneros sempre preocupados com a descrição e caracterização de uma nação que se fundava. O descritivismo vai permanecer como forte tendência na literatura brasileira também durante as primeiras décadas do século XX, através do prosseguimento do gênero regionalista, e do movimento modernista, que recupera do romantismo a preocupação com uma nova caracterização do país. Apenas após o movimento modernista a literatura brasileira parece abandonar a fórmula descritiva como critério de originalidade, como afirma Antonio Candido: “somente após o modernismo a literatura brasileira vai voltar-se para a consideração de fatos estéticos, não mais sociais e históricos” (CANDIDO, 1967, p.158), permitindo, por exemplo, o surgimento do movimento concretista.

Além de contribuir para a formação da tendência descritiva em nossa literatura, a viagem também atuou junto ao nosso desenvolvimento literário como um fator de estímulo, renovação e atualização, através principalmente da introdução de novas idéias trazidas pelos escritores brasileiros após suas viagens ao exterior, especialmente a Europa, e pelos escritores estrangeiros que visitaram o país e influenciaram de alguma forma nossa literatura. Essa via de mão dupla, através do qual se estabeleceu o intercâmbio literário do Brasil com o ocidente, em que a tradução também vai ter papel determinante, teve repercussões mais notáveis nas fases iniciais dos movimentos romântico e modernista brasileiro. Tanto o romantismo quanto o modernismo buscaram uma atualização e modernização da literatura aqui produzida que se valeram das viagens que nossos escritores fizeram à metrópole cultural de então, a França, para se atualizarem com as últimas novidades literárias européias e importá-las ao Brasil. Na direção contrária, alguns estrangeiros vieram ao Brasil e ajudaram nossos escritores nos dois movimentos, apontando o país aos seus próprios habitantes.

Um desses estrangeiros foi o francês Ferdinand Denis, que chegando ao Brasil em 1816, a caminho das Índias Orientais, acabou por aqui ficar por três anos e se tornou um dos mais importantes estudiosos do Brasil à época, um brasilianista “avant la lettre”. Através de

uma extensa produção cultural, que inclui crítica e historiografia literária, traduções, literatura de viagem, pesquisa e edição de textos históricos sobre o Brasil, Denis exerceu importante influência sobre nosso movimento romântico. Sua maior influência deve-se à publicação do *Resumo da história literária do Brasil* (1826) considerada a primeira história literária brasileira e o texto que ditou os passos aos nossos românticos na construção da nascente literatura nacional brasileira. Denis propôs em sua história da literatura um modelo poético que os brasileiros deviam seguir para criarem uma literatura nacional original, modelo que se baseava na representação da paisagem e costumes pitorescos do Brasil e de sua história, incorporando o olhar em busca do exótico do viajante estrangeiro em nossa literatura. Sua proposta repercutiu em nossos escritores românticos, que abandonaram as lendas e deuses clássicos da Europa para tratar de nossa própria paisagem e habitantes, ainda que sob o critério exótico e pitoresco do estrangeiro.

No movimento contrário, ou seja, de brasileiros que foram à Europa em busca da renovação literária nesse momento, o primeiro a ser lembrado é Gonçalves de Magalhães que, reunido a um grupo de brasileiros radicados em Paris, criou a revista *Niterói*, na segunda metade da década de 1830, de onde o movimento romântico brasileiro foi lançado. Em seu capítulo “A viagem de Magalhães”, de *Formação da literatura brasileira*, Antonio Candido avalia a importância que a viagem à Europa naquele momento representou para a obra de Magalhães, considerando-a uma viagem providencial, que lhe permitiu “descobrir a nova literatura francesa, impregnar-se dos temas românticos [...] e comunicá-los aos patrícios [...]”, além de passar pela experiência da viagem transfiguradora, experiência básica do romantismo (CANDIDO, 2007, p.379). No livro inaugural de nosso romantismo, *Suspiros poéticos e saudades* (1836), Magalhães apresenta poemas sobre as emoções que sua viagem pela Europa lhe despertou. Nos seus versos o autor transforma a distância da pátria no motivo principal de seus suspiros e saudades, inaugurando o tema do exílio que tanto sucesso faria em nossas letras, e inverte o sentimento de transoceanismo presente nos nossos escritores árcades que lhe antecederam, e que retornavam de suas passagens pela Europa desdizendo a falta de civilidade e de cultura no Brasil.

Outro romântico que fez da viagem elemento criador foi Gonçalves Dias, que também passou sua temporada na Europa, de onde escreveu os versos de seu primeiro livro, *Primeiros cantos* (1846), nos quais as idéias despertadas pelas vistas de paisagens européias dividem espaço com os famosos poemas indianistas. Gonçalves Dias também viajou pelo interior do Brasil, tendo participado da famosa “Expedição das borboletas”, expedição exploradora ao norte do país planejada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, realizada em 1859. O escritor ficou responsável pela seção de etnografia da expedição, além

da redação da narrativa da viagem. Devido a desentendimentos entre os membros e à crítica veemente da oposição política, que apelidou a aventura de “Expedição das borboletas”, o grupo, após dois anos de trabalho dissolveu-se ainda no Ceará. Gonçalves Dias, no entanto, prosseguiu até o Amazonas, onde se dedicou a estudos lingüísticos e etnográficos, tendo escrito, inclusive, um *Dicionário da língua tupi* (1858) (HOLANDA, 1985, p.434), e deixado inacabada sua obra *Os timbiras*.

Algumas décadas mais tarde, outro grupo de artistas brasileiros viajará também para a Europa em busca de renovação para a literatura brasileira. Esses artistas freqüentaram a Paris das décadas de 1910 e 1920 para entrar em contato direto com as vanguardas artísticas européias do início do século XX e renovar o repertório estético cultural brasileiro. Através de bolsas concedidas pelo governo brasileiro, ou financiados pelas famílias ricas de São Paulo, artistas como Victor Brecheret, Anita Malfati, Sérgio Milliet, Villa Lobos, Di Cavalcanti e Vicente do Rego, além do casal Tarsiwald, formado pela pintora Tarsila do Amaral e pelo escritor Oswald de Andrade, todos passaram temporadas estudando na Europa. Foi em 1923, um ano depois da Semana de arte moderna, que o casal Tarsiwald chegou a Paris para uma temporada, buscando se integrar ao meio artístico parisiense. Mas foi através do “encontro” com o escritor franco-suíço Blaise Cendrars que as portas dos ateliers e galerias de Paris se abriram ao casal brasileiro, que se tornou amigo de personalidades como Jean Cocteau e Modigliani, alguns dos artistas de vanguarda que passaram a freqüentar os jantares brasileiros oferecidos no atelier de Tarsila próximo à place de Clichy, umbigo do mundo onde Oswald de Andrade no ano seguinte iria declarar ter descoberto o Brasil em seu famoso manifesto da poesia Pau-Brasil. Foi o poeta Blaise Cendrars quem apresentou Tarsila aos pintores cubistas Gleizes e Léger, que a introduziram na nova técnica e revolucionaram sua pintura. No ano seguinte à chegada do casal a Paris, 1924, é o poeta Cendrars que é convidado a viajar ao Brasil, com suas despesas pagas pelo rico Paulo Prado, uma espécie de mecenas do modernismo no Brasil. As viagens de Cendrars ao Brasil (foram três) na década de 1920 foram profícuas para sua obra e para o movimento modernista brasileiro. Em sua primeira passagem pelo país, Cendrars, que foi recebido com honras pelos artistas modernistas brasileiros e pela elite da cidade de São Paulo, divulgou as idéias vanguardistas européias no país, principalmente através das três conferências que realizou, numa das quais apresentou a primeira exposição pública de obras cubistas no país. Além das conferências, foi organizada uma viagem ao interior do Brasil para mostrar as cidades históricas mineiras ao visitante ilustre. Formou-se uma trupe composta por, entre outros, o casal Tarsiwald, Mário de Andrade e a mecenas Dona Maria Olívia Guedes de Penteadó. Segundo autores como Alexandre Eulálio (2001) e Aracy Amaral (1997), a viagem às cidades mineiras representou

um momento de inflexão importante no movimento modernista brasileiro, que a partir desse ponto abandona a ânsia de atualização com as vanguardas européias por um retorno às tradições e cultura popular nacionais. Os autores responsabilizam a presença de Cendrars nessa viagem como catalisador do olhar dos brasileiros para seu próprio país. Essa influência de Cendrars teria sido responsável pelo desenvolvimento dos movimentos Pau Brasil e Antropofágico, criados por Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral. Mais uma vez temos um estrangeiro dizendo aos brasileiros o que é seu próprio país, como Flora Süssekind havia citado em relação à formação do romance brasileiro, como vimos anteriormente. Assim como Denis no romantismo, Cendrars apontou aos nossos modernistas aquilo que nosso país oferecia de mais peculiar e pitoresco segundo o olhar de um estrangeiro, e sugeriu aos nossos artistas que se aproveitassem desses elementos na construção de nossa arte moderna, que deveria oferecer algo de original e próprio frente à arte européia.

Como podemos ver, a viagem tem atuado em diversos momentos e em diversas formas como elemento importante no nosso desenvolvimento literário. Seja como fundadora de nossa literatura, através dos relatos de viagem, seja como influência importante em uma tendência descritiva que perpassa toda nossa história literária, a literatura colonial brasileira é fruto direto da viagem. No romantismo, os viajantes estrangeiros vão atuar tanto como criadores e disseminadores de informação sobre o país, inclusive para os próprios brasileiros preocupados com a caracterização da nação recém-nascida, assim como vão ser guias dos brasileiros na criação de suas instituições culturais, papel o qual a colônia francesa exercerá de forma predominante, tanto na literatura quanto nas artes plásticas. A viagem proporcionou também aos nossos escritores a sua atualização com as novas correntes literárias da Europa e sua importação para o Brasil, gerando importantes desenvolvimentos tanto para nosso movimento romântico como modernista.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Aracy A. *Blaise Cendrars no Brasil e os modernistas*. São Paulo: Ed. 34/Fapesp, 1997.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Editora Nacional, 1967.

_____. *Formação da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.

EULALIO, Alexandre. *A aventura brasileira de Blaise Cendrars*. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, 2001.

HOLANDA, Sérgio Buarque de (Org.). *História geral da civilização brasileira*. São Paulo: Difel, 1985.

_____. *Capítulos de literatura colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

_____. *Visão do paraíso. Os motivos edênicos no descobrimento do Brasil* SP: Brasiliense/Publifolha, 2000.

ROMERO, Sílvio. *Compêndio de história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui. O narrador, a viagem*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.